

A ENFERMEIRA SIMONE E O MÉDICO JOSÉ JACKSON SE DESTACAM NO ATENDIMENTO AOS PACIENTES DO HOSPITAL REGIONAL E DO CENTRO DE SAÚDE 12, RESPECTIVAMENTE

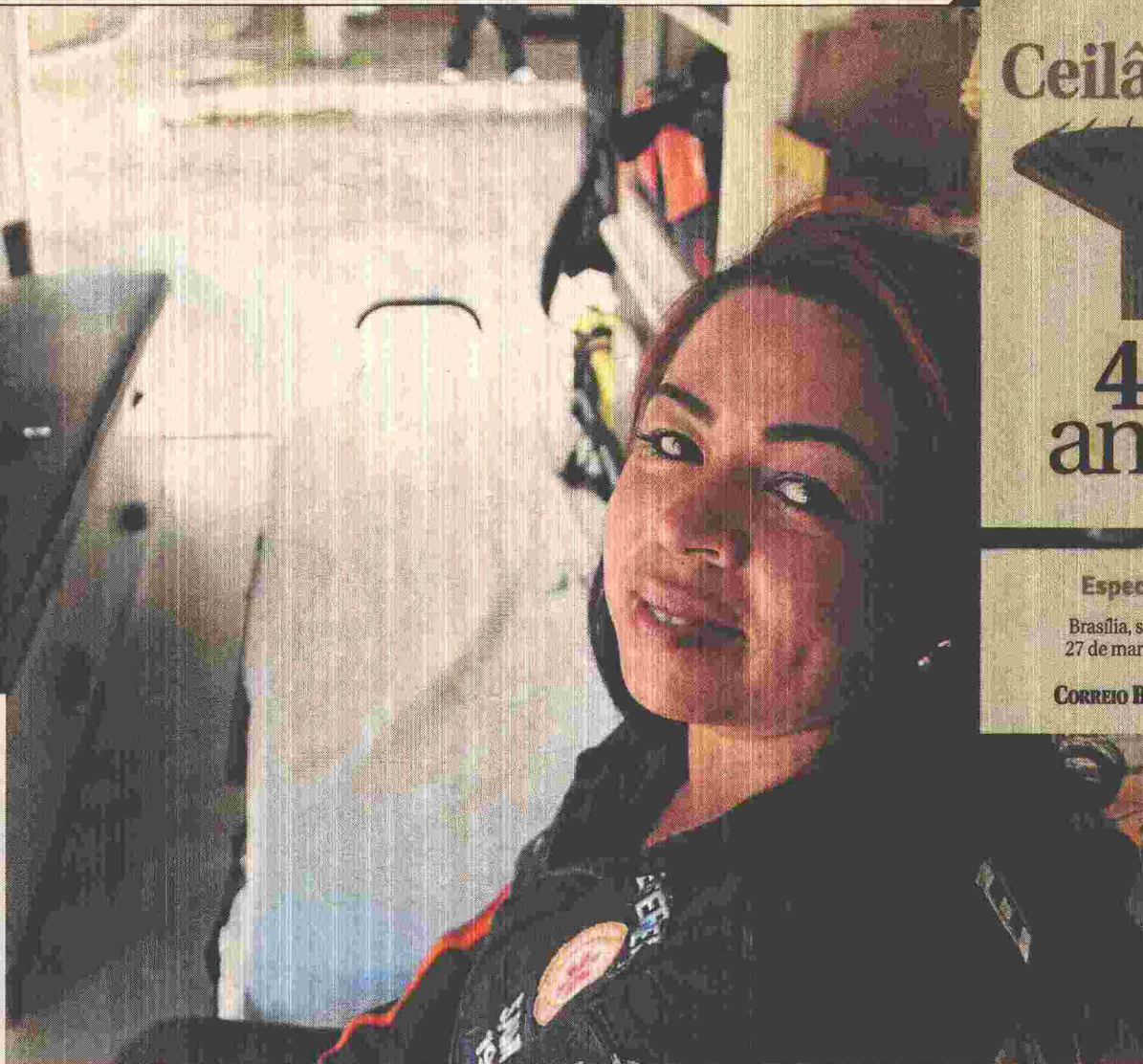
Ceilândia

44
anos

Especial • 7

Brasília, sexta-feira,
27 de março de 2015

CORREIO BRAZILIENSE



Carinho é o melhor remédio

SERVIDORES DA SAÚDE
MOSTRAM QUE UM
BOM ATENDIMENTO
PASSA PELA
CONSTRUÇÃO DA
RELAÇÃO DE
AFETIVIDADE NÃO SÓ
COM OS PACIENTES,
MAS COM TODA A
COMUNIDADE LOCAL.
OS MORADORES
RECONHECEM E
ELOGIAM O TRABALHO

Chegar ao Hospital Regional de Ceilândia (HRC) e não encontrar Simone Rabelo Bomfim, 36 anos, é caso raro. Há nove anos, todos os dias da semana, ela está envolvida com o trabalho de técnica de enfermagem do hospital e de enfermeira do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu). Mesmo nos dias de folga, mantém o celular por perto, para prestar assistência e acionar outros profissionais da saúde caso algum paciente precise.

“O HRC é a minha segunda casa. Todos os dias que você vier aqui vai me encontrar, e nunca vai me ver de cara fechada porque estou trabalhando”, garante. Além de cuidar das pessoas doentes ou feridas que chegam ao pronto-socorro, ela precisa ter sensibilidade e delicadeza para lidar com as famílias, que, muitas vezes, precisam ouvir notícias difíceis sobre o estado de saúde dos parentes. Por isso, ela destaca que as principais habilidades de um enfermeiro são a capacidade de ouvir e o bom relacionamento com a equipe.

Natural de Alexânia (GO), Simone mora na região administrativa do DF há 24 anos e faz questão de atender aos moradores da cidade. “Eu sinto que

Ceilândia é muito discriminada. Sei que não vou fazer a diferença, mas eu tento. Presto assistência para a minha comunidade do meu modo, e acho que a gente se entende muito bem”, relata. “É muito gostoso trabalhar no local onde você mora, porque você conhece os problemas daqui. Se está tendo muitas viroses, por exemplo, eu sei, e consigo orientar melhor o paciente”, completa.

ACOLHIDA

O médico José Jackson faz parte do grupo de pessoas que Ceilândia adotou. Apesar de ter casa no Plano Piloto, ele se considera um morador itinerante da cidade. Há 14 anos, atua no atendimento clínico do Centro de Saúde 12, na QNQ 3/4, próximo ao Sol Nascente. “Eu me dediquei tanto àquela comunidade, e ela a mim, que se criou uma simbiose: eu me sinto satisfeito de trabalhar lá e eles (os moradores) estão satisfeitos, pelo menos a maioria, com os serviços que eu presto”, orgulha-se.

Mesmo se tivesse a opção de trabalhar mais perto de casa, ele afirma que não aceitaria e diz que Ceilândia se tornou uma agradável surpresa. No início, José Jackson conta que ficou um pou-

co apreensivo por ser designado para clinicar na região, mas foi tão bem recebido pelos colegas de trabalho e pela população que se sentiu acolhido. “Aquilo me contagiou e os vínculos foram se fortalecendo”, lembra. Até hoje, a equipe de enfermeiros, diretores, psicólogos e assistentes sociais contribuem para que o trabalho seja completo e apresente resultados.

Por dois anos consecutivos — em 2012 e em 2013 —, ele ganhou o prêmio Reconhece SES, da Secretaria de Estado de Saúde do DF, por ter sido um dos servidores que mais recebeu elogios dos pacientes por meio da ouvidoria. O reconhecimento é resultado da atenção que presta a cada um deles. José Jackson é daqueles médicos que ouvem os pacientes e gastam o tempo que for necessário para orientá-los e explicar o tratamento. A maioria é de idosos, que trata problemas como hipertensão e diabetes. O médico acompanha todos — muitos viraram até amigos — e descreve o trabalho que faz como uma semente que ele plantou em 2001 e, hoje, é capaz de colher os frutos. “Vejo o resultado na melhoria da qualidade de vida de meu usuário”, conclui.